

# UMA COMPREENSÃO DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO PELO VIÉS DA TEMPORALIDADE E DA MODALIDADE

Graziela Jacques Prestes\*

**RESUMO:** Este trabalho objetiva apresentar uma releitura da discussão de Prestes (2007) sobre a temporalidade (Teoria do Tempo Relativo) e a modalidade (Neves e Souza, 1999) do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (PIS). Em estudo empírico de um corpus de língua escrita, Prestes (2003) encontrou um padrão no emprego do PIS, qual seja: PIS factuais tendem a ocorrer com eventos passados (A novidade fez com que ganhasse corpo a ideia...), contrafactuais, com eventos presentes (Não estivéssemos numa crise...) e eventuais ou hipotéticos, com eventos futuros (Talvez os índios achassem até graça se...). Esse resultado permite algumas conclusões: a) o PIS não expressa somente hipótese, irreabilidade, mas também eventos considerados reais; b) as relações entre os constituintes temporais e modais organizam o PIS.

**PALAVRAS-CHAVE:** pretérito imperfeito do subjuntivo – temporalidade – modalidade

**RESUMEN:** Este artículo presenta una relectura de la discusión de Prestes (2007) respecto a la temporalidad (Teoría del Tiempo Relativo) y a la modalidad (Neves y Souza, 1999) del Pretérito Imperfecto de Subjuntivo (PIS). En un estudio con corpus de lengua escrita, Prestes (2003) encontró un patrón en el uso del PIS: los PIS factuales tienden a ocurrir con los acontecimientos del pasado (A novidade fez com que ganhasse corpo...), los contrafactuales, con acontecimientos presentes (Não estivéssemos numa crise...) y los eventuales o hipotéticos, con acontecimientos futuros (Talvez os índios achassem até graça...). Este resultado permite algunas conclusiones: a) el PIS no expresa solamente irreabilidade, sino eventos considerados reales; b) las relaciones entre los componentes temporales y modales organizam el PIS.

**PALABRAS-CLAVE:** pretérito imperfecto de subjuntivo – temporalidad – modalidad

## INTRODUÇÃO

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo vem sendo investigado há alguns anos (Prestes, 2001, 2003 e 2007). Neste trabalho, buscamos uma releitura e uma atualização de Prestes (2007), ou seja, buscamos retomar os achados, expandir suas possíveis aplicações e, quem sabe, apontar para redirecionamentos na investigação das propriedades desse tempo verbal.

Para tanto, em um primeiro momento, sintetizamos o conteúdo de Prestes (2003), que está fundado em dois pilares teóricos: a temporalidade reichenbachiana e a modalidade da filosofia clássica; discutimos e resignificamos os resultados, oriundos de *corpus* de língua escrita; em um segundo momento, apresentamos uma singela proposta de atividades e tarefas já aplicada em sala de aula; e, finalmente, apontamos caminhos futuros.

\*Professora do Centro Universitário La Salle (Unilasalle); Doutoranda em Teoria e Análise Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); [grazielaprestes@uol.com.br](mailto:grazielaprestes@uol.com.br).

## O TRATAMENTO REICHENBACHIANO DO TEMPO VERBAL

Os postulados propostos por Reichenbach (1947) parecem resistir aos mais de cinquenta anos de interpretações, críticas e reformulações, visto que vários estudiosos, como Corôa (2005 e 1983), Silva (2002), Ilari (1997), Coan (1997) e García Fernandez (1999), utilizam-nos como suporte teórico para seus respectivos trabalhos.

Na instância das propriedades lógicas das línguas naturais, o construto reichenbachiano reflete uma visão unidimensional e unidirecional do tempo, que pode ser descrito por dois tipos de notações: as barras paralelas ou a seta da linha do tempo. Para Reichenbach, os tempos verbais, de qualquer língua, estão organizados a partir de três pontos na linha do tempo: o momento da fala, o momento do evento e o momento da referência.

O momento da fala (F) é definido como o momento da realização da fala, o momento em que se faz a enunciação sobre o evento<sup>1</sup>, isto é, o tempo em que acontece o ato de enunciar. O momento do evento (E) é, aparentemente, de fácil compreensão, refere-se ao tempo da predicação, ao momento em que o evento descrito acontece. Já o momento da referência (R), que mereceu discussões *a posteriori*, como em Declerck (1986) e em Coan (1997), aqui não debatidos simplesmente por uma questão operacional, é o ponto na linha tempo relacionado imediatamente ao momento do evento.

Neste momento, assumimos que o momento da referência é o ponto na linha tempo relacionado imediatamente ao momento do evento. Trata-se de um ponto de ancoragem para a marcação do evento, é uma entidade abstrata que ajuda a explicar conceitos como "passado anterior", que pode ser reconhecido em português, por exemplo, no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo. Por exemplo, na frase *João já tinha saído quando Maria chegou*, ambos os eventos ocorrem no passado, sendo que "João tinha saído" (E1) é anterior a "Maria chegou" (E2), pois este está associado ao momento da referência (R) - o mesmo para ambos. Veja notação abaixo:

$$\begin{array}{c} \text{E2,R} \text{ ————— } \text{F} \\ \text{E1} \text{ ————— } \text{R} \text{ ————— } \text{F} \end{array}$$

Sob o ponto de vista reichenbachiano, é o momento da referência, e não o momento do evento, que determina um tempo verbal como "passado", "presente" e "futuro", isto é, nos tempos verbais do tipo "passado", por exemplo, todas as estruturas contêm necessariamente o momento da referência em relação de anterioridade ao momento da fala. Já nos do tipo "presente", R é concomitante à F e, nos do tipo "futuro", R é posterior à F.

Por sua vez, o momento do evento estabelece relação com o momento da referência, implicando a subclassificação "anterior", "simples" e "posterior". Assim, multiplicando cada um dos três tipos "passado", "presente" e "futuro" por cada uma das

<sup>1</sup> Entende-se "evento", neste trabalho, como qualquer manifestação transmitida por um tempo verbal, seja uma ação, um estado, um processo, etc. Também utilizaremos o termo "evento" com o significado de "momento do evento".

subclassificações, Reichenbach chegou a um total de nove formas fundamentais para os tempos verbais.

Com base, sobretudo, nessas nove notações e na extensão proposta por Hornstein (1977, 1981, 1993), quanto à compreensão do momento da referência e dos adjuntos adverbiais, chegamos a um quadro sobre as estruturas temporais do pretérito imperfeito do subjuntivo (PIS). Vejamos:

Quadro 1 - Estruturas Temporais do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

passado anterior E__R__F	(13)"O mais revoltante é que, se eu <u>soubesse</u> que o transporte aéreo seria tão precário, <u>teria preferido</u> pegar um ônibus em Fortaleza." <sup>2</sup> O E "soubesse" tem de acontecer antes do E "teria preferido", que serve, aqui, como R.
passado simples E,R__F	(15)"Embora eu <u>fosse</u> fluente em francês e não me <u>sentisse</u> intimidado, os melhores momentos de nosso convívio <u>ocorriam</u> nos bistrôs..." Todos os eventos estão ancorados na mesma R no passado, "os momentos de nosso convívio que ocorriam nos bistrôs".
passado posterior R__E__F	(18)" 'Eu já estava achando esse rosto feio, então <u>rezei</u> muito para que <u>mudasse</u> , e agora consegui esse presente', disse." A R está no fato de rezar, que é anterior a "mudar".
R__F,E	(128)"Se o ex-ministro José Serra <u>estivesse</u> bem nas pesquisas, (...), o efeito Ricardo Sérgio <u>seria</u> menos danoso para sua candidatura." A R está ancorada no fato de a notícia já ter sido dada, o efeito Ricardo Sérgio foi e ainda é no presente danoso à candidatura de Serra; portanto, o E "estivesse

<sup>2</sup> Exemplos extraídos do *corpus* da dissertação. Os dados foram coletados de revistas como Veja, Superinteressante, Viagem & Turismo, Elle e Show Biss, e de jornais como Folha de São Paulo, Zero Hora, Correio do Povo e O Sul durante os anos de 1999 a 2002.

R__F__E	<p>bem" está associado à F.</p> <p>(90) "Ou seja, melhor mesmo <u>era</u> que os BC (Bancos Centrais) <u>fossem</u> substituídos por robôs fabricados em Chicago..."</p> <p>Neste caso, "era" está em alternância com o futuro do pretérito, cuja estrutura é R__F,E. A R no passado explica que, desde um ponto anterior à F, os BC existem. O evento no agora enunciativo atualiza que os BC existem ainda hoje, que não foram substituídos por robôs.</p>
futuro simples F__R,E	<p>(97)"Talvez os índios <u>achassem</u> até graça se extraterrestres <u>viesses</u> à Terra como amigos, <u>dessem</u>-nos brinquedos de teletransporte (como demos espelhos) e <u>acabassem</u> nos tomando o poder e nos expulsando."</p> <p>A R de "viesses" projetada no futuro, na chegada dos ETs à Terra, é válida para os demais eventos "achassem", "dessem" e "acabassem", o que implica reconhecer que todos, em um intervalo "x" de tempo no futuro, apresentam associadas as suas R e os seus E.</p>
futuro posterior F__R__E	<p>(75)"...<u>queria</u> que ele <u>continuasse</u> a ser o belo ser humano que é, apesar do sofrimento."</p> <p>Os eventos "querer pedir" e "continuar a ser" estão distribuídos na linha do tempo a partir da projeção de futuro imbricada em um pedido. O ato da fazer o pedido antecede o ato de realizar-se ou não seu cumprimento.</p>

Constatamos que o imperfeito do subjuntivo apresenta todas as descrições dos três tipos de passado - passado anterior (E\_\_R\_\_F), passado simples (E,R\_\_F) e passado posterior (R\_\_E\_\_F, R\_\_F,E e R\_\_F\_\_E) -, bem como as descrições de futuro simples F\_\_R,E e de futuro posterior F\_\_R\_\_E.

Duas observações, de naturezas distintas, podem ser feitas nesse momento. A primeira é lembrar, intuitivamente, que o PIS é um tempo verbal complexo; a segunda é, academicamente, lembrar que outros tempos verbais também podem apresentar mais de uma notação temporal, como, por exemplo, é o caso do presente do indicativo. Conforme a acurada análise de Corôa (2005, p.43), este tempo verbal pode expressar presente (“*Estudo* linguística”) ou passado (“Eu *entro*, e que *vejo*? João beijando Maria.”), e, conforme Silva (2002, p.138), pode ainda expressar futuro (“*eh*: vou ver se eu já tenho trocado, eu já *te levo*”).

## ALGUMAS ANÁLISES DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Em Prestes (2003), é apresentado o estudo de Zilles & Pereira (1998), em pesquisa sobre o desenvolvimento discursivo de narrativas orais por crianças de 4 a 9 anos de idade, com o intuito de sustentar e ilustrar – como ou quanto – o argumento “o PIS é um tempo verbal complexo”.

Seguindo os preceitos teóricos de Hopper (1979), Labov (1972) e Bardovi-Harlig (1995), quanto à narrativa ser constituída em dois planos, o *foreground* (FG, informações que servem de suporte aos eventos principais) e *background* (BG, informações que servem de suporte aos eventos principais), as autoras dedicam-se a analisar em que faixas etárias as crianças se concentram no desenvolvimento do FG e do BG e quais tempos verbais integram cada um dos dois planos. Quanto ao PIS, verificaram que seu emprego aparece somente a partir dos 9 anos de idade, corroborando a afirmação de Karmiloff-Smith (1981 e 1986), segunda a qual estruturas complexas são adquiridas mais tarde.

Levando em consideração a teoria reichenbachiana, a expectativa criada em torno desta afirmação era que o PIS poderia apresentar um comportamento temporal multifacetado, ou seja, que ele conteria não uma, mas sim uma variedade das estruturas temporais descritas por Reichenbach, o que pôde ser verificado em nossa pesquisa.

Simplemente por questões operacionais, não apresentaremos todas as análises contidas em Prestes (2003) (Travaglia, 1981; Costa, 1997; Ramallete, 1989 e 1992; Tapazdi & Salvi, 1998; e Givón, 1993); somente apresentaremos as estritamente imprescindíveis à seleção e à geração dos dados do nosso *corpus*. Assim, apresentamos Neves & Souza (1999), Neves (2000) e Corral (1996) a seguir.

## FACTUALIDADE, CONTRAFACTUALIDADE E EVENTUALIDADE

### O PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES CONDICIONAIS

Apesar de a classificação sobre as orações condicionais de Givón (1993) ser bastante difundida e gozar de prestígio na comunidade acadêmica, preferimos a classificação de Neves & Souza (1999) e de Neves (2000) por dois motivos: a) sua classificação parece ser aplicável a outros tipos de orações que não somente as condicionais, o que nos possibilitaria uma visão mais abrangente sobre o funcionamento do PIS em português; b) sob nosso ponto de vista, ao contrário da classificação *realis/irrealis* de Givón, a de Neves baseia-se não na noção de temporalidade – se uma sentença expressa futuramente ou não, por exemplo –, mas no caráter proposicional (semântico) das orações. Em outras palavras, estamos assumindo uma análise que distinga os constituintes das categorias temporal (F,E,R) e modal (factual, contrafactual, eventual). Como veremos adiante, tal segmentação parece oferecer vantagens para a compreensão do PIS.

Neves & Souza (1999, p.511), a fim de proporem uma tipologia das construções condicionais, reportam-se a seguinte concepção lógico-semântica:

a) dada a realização/ a verdade de **p**<sup>3</sup>, segue-se, necessariamente, a realização/ a verdade de **q** (*real*);

b) dada a não realização/ a falsidade de **p**, segue-se, necessariamente, a não-realização/ a falsidade de **q** (*contrafactual*);

c) dada a potencialidade de **p**, segue-se a eventualidade de **q** (*eventual*).

Desta classificação, elaboram a tipologia das construções condicionais respectivamente: condicionais factuais/reais<sup>4</sup>, condicionais contrafactuais e condicionais eventuais.

Desse modo, as condicionais factuais são compostas pelos tempos verbais do modo indicativo, como ilustram os seguintes exemplos:

a) presente/ presente:

"se há presença de uma coloração ... mais forte, mais intensa que a da pessoa ... e:: ... essa aréola ... possui ... uma séria de:: tubérculos ... então o tubérculo é nomeado de ( )" (ibid, p. 512);

b) pretérito perfeito/ presente:

"se ela foi criada para um FIM ... OUtro ... que NÃO ... a contemplação estética ... ela é pragmática" (ibid, p. 514);

c) pretérito perfeito/ pretérito perfeito:

"Se ... realmente a guerra foi perdida pelos países do eixo, é que as condições ... sociológicas, econômicas e políticas etc etc fizeram com que fosse perdida a guerra" (ibid, p. 519);

Em geral, a doutrina tradicional (p. ex., Cegalla 2008; Cunha & Cintra 2007; Bechara 1999) afirmam que o modo indicativo expressa certeza, fatos verossímeis e que o modo subjuntivo expressa irrealidade, incerteza, eventualidade. Os exemplos anteriores confirmam parte dessa assertiva; porém o estudo de Corral (1996), por exemplo, como veremos adiante, apresenta o modo subjuntivo da língua espanhola expressando factualidade, o que é considerado, em Prestes 2003, um achado para compreender certos fenômenos na língua portuguesa.

Quanto às do tipo contrafactuais, Neves (2000, p. 850) afirma que:

As construções condicionais contrafactuais têm o verbo da subordinada no modo subjuntivo, e numa forma passada (pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito). Assim, só há contrafactual no passado, já que também o verbo da oração principal é sempre passado, aí incluído o futuro do pretérito composto. Observe-se que a eventual ocorrência de um verbo no presente do indicativo na oração condicional, como em *Se eu não chego a tempo, o senhor bebia todo o rio Paraíba*, não invalida essa afirmação, já que apenas a

<sup>3</sup> A entidade "p" significa a condição, a prótase, e a entidade "q" significa a consequência, a apódose.

<sup>4</sup> Neves & Souza (1999, p. 498) afirmam que real e factual constituem diferentes níveis do enunciado, enquanto este é relacionado à proposição (à expressão de um fato possível), aquele é relacionado à predicação (à expressão de um estado de coisas). Segundo as autoras: "É óbvio que o uso linguístico real das construções condicionais não reflete pura e simplesmente a condicionalidade defendida numa implicação lógica **se...então**, isto é, não exige uma relação condicional de valores de verdade e isso tem sido freqüentemente ressaltado pelos estudiosos (Haiman, 1978 e 1986; Comrie, 1986)".

forma é de presente, mas o valor é de passado (= se eu não tivesse chegado).  
(Neves, 2000, p. 850)

De acordo com este significado de contrafactualidade, os dados de Neves & Souza (1999, p.525) revelaram que as construções contrafactuais só ocorreram com o imperfeito do subjuntivo na prótase. No entanto, Neves (2000, p. 850) constata também, neste mesmo contexto, o emprego do mais-que-perfeito do subjuntivo, como em “Se *tivesse aparecido* algum tatu por aqui, estas formigas já estavam sem casa”.

Com respeito às construções condicionais eventuais, Neves & Souza as definiram como aquelas cuja prótase repousa sobre a eventualidade; o enunciado da apódose é tido como certo, desde que eventualmente seja satisfeita a condição enunciada. Observe o exemplo: “E eu acho que o dinheiro todo que eu *pudesse*, se eu *ganhasse* assim na loteria e tal eu *jogaria* em mercado de capitais...” (Neves & Souza, 1999, p. 533).

Sintetizados os estudos sobre o PIS contrafactual e eventual, na próxima seção apresentaremos o estudo de Corral (1996) sobre o *Subjuntivo Concessivo Polêmico*.

## O PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES CONCESSIVAS

A próxima análise a ser apresentada aborda o modo subjuntivo da língua espanhola, especificamente o que foi denominado de *Subjuntivo Concessivo Polêmico*. Embora se concentre no presente deste modo, Corral (1996) afirma que tal conceito pode ser estendido a outros tempos verbais, inclusive ao PIS. Julgamos importante sua inclusão na dissertação porque percebemos existir uma relação direta entre essa observação e a modalidade factual discutida em Neves & Souza (1999) e Neves (2000).

Ao contrário do que ocorre na língua portuguesa, na qual parece haver a preferência pelo uso do modo subjuntivo em orações subordinadas adverbiais concessivas (em instância pública de uso da linguagem<sup>5</sup>), em espanhol estas orações podem vir expressas no subjuntivo ou no indicativo. Veja os seguintes exemplos:

a) “*Aunque regaba las plantas todos los días, se han secado*”, cuja tradução poderia ser: “Ainda que *regasse/ tivesse regado/ \*regava* as plantas todos os dias, elas secaram” Castro (1998, p. 149);

b) “*El tiempo no parecía avanzar, aunque los rumores de la ciudad se iban desvaneciendo en la noche somnoliente*”, cuja tradução poderia ser: “O tempo não parecia avançar, embora os rumores da cidade *fossem/\*iam* se esvaindo na noite ensonada” González (1994, p.149);

c) “*Aunque está/ esté lloviendo, voy a salir.*”, cuja tradução poderia ser: “Ainda que *\*está/ esteja* chovendo, vou sair”. Corral (1996, p. 162),

Como tais concessivas expressam eventos “reais”, que de fato aconteceram ou acontecem - em (a), as plantas foram regadas, em (b), os rumores diminuíram e, em (c), está chovendo -, os linguistas<sup>6</sup> afirmam que mais esperado seria o emprego do

<sup>5</sup> Refiro-me às instâncias pública e privada de uso da linguagem (Britto, 2003, p.35).

<sup>6</sup> Linguistas como Veiga, Guerrero & García, Lavandera e Vallejo, todos citados em Corral (1996).

indicativo; porém, "estranhamente", verifica-se também o emprego do subjuntivo. Ou seja, aquele que é considerado como o modo do irreal, da incerteza, da hipótese, nesses contextos, está realizando uma asserção.

Novamente, por questões operacionais, não explanaremos toda a análise de Corral, que distingue, na língua espanhola, subjuntivo polêmico de subjuntivo hipotético; para mais detalhes ver Corral (1996) e Prestes (2003).

## PARA ONDE LEVAM TEMPO E MODALIDADE?

A partir das análises apresentadas sobre o imperfeito do subjuntivo, deduzimos que este poderia indicar factualidade, contrafactualidade e eventualidade, no mínimo, em orações condicionais, em concessivas e em substantivas objetivas. Desse modo, os dados foram agrupados sob esta tríade modal e sintática a fim de que pudéssemos definir as relações entre as estruturas temporal e modal do imperfeito do subjuntivo.

As hipóteses se centraram em:

a) o imperfeito factual poderia apresentar a estrutura de passado anterior (E\_\_R\_\_F), de passado simples (E,R\_\_F) e de passado posterior (R\_\_E\_\_F e R\_\_F,E), visto que, sendo apreendido como "real", o evento tem de ser conhecido pelo falante;

b) se Givón afirma que tem de haver a característica de passado perfectivo ou simplesmente de passado, e o mesmo afirmam Neves & Souza e Tapazdi & Salvi, e se a teoria reichenbachiana reconhece cinco estruturas temporais de passado, sendo uma somente perfectiva (a de passado anterior); então, previmos que, de novo, apenas estariam integradas à contrafactualidade aquelas estruturas cujos eventos E são anteriores ou simultâneas à fala F: E\_\_R\_\_F; E,R\_\_F; R\_\_E\_\_F e R\_\_F,E;

c) considerando que uma hipótese irreal pode se referir a um evento no passado, no presente ou no futuro, inferimos que qualquer uma das descrições de passado poderia integrar o grupo das eventuais. Com respeito ao presente, inferimos a ocorrência da estrutura R\_\_F,E, e, quanto ao futuro, inferimos tanto a estrutura de passado posterior R\_\_F\_\_E quanto as estruturas de futuro simples F\_\_R,E e de futuro posterior F\_\_R\_\_E.

## O CRUZAMENTO DOS VALORES TEMPORAIS COM OS VALORES MODAIS

Os dados foram divididos em três grandes grupos: o do PIS factual, o do contrafactual e o do eventual. Optamos por esta divisão porque, ao que nos parece, ela permite que ampliemos nosso horizonte sobre o funcionamento do modo subjuntivo como um todo; e, em particular, ela evita que repitamos que o subjuntivo é simplesmente o modo do irreal, da incerteza, do improvável, etc. É verdade que o subjuntivo indica contrafactualidade e eventualidade, mas, seguramente, também indica factualidade. Passemos às considerações acerca de cada um dos três grupos.

O imperfeito do subjuntivo com valor de factualidade foi encontrado apenas em orações concessivas e em orações substantivas. O fato de não o encontrarmos em nenhuma oração condicional parece refletir a própria definição de oração condicional e



a de valor factual. Parece-nos que não faria sentido encontrá-lo em uma condicional, pois esta é utilizada para levantar uma hipótese - contrafactual ou eventual - sobre algum fato, e, como o valor factual atribui "realidade" à proposição, há uma incompatibilidade em estes dois conceitos compartilharem de uma mesma estrutura sintática.

Dos 32 casos de factuais, 17 ocorreram em orações substantivas, 08 em orações concessivas e 07 em orações finais e temporais, todas com a estrutura de passado simples E,R\_\_F. Interessante lembrar que também esperávamos a ocorrência de passado posterior R\_\_E\_\_F, R\_\_F,E, mas não encontramos nenhum caso. Talvez a explicação esteja no fato de o pretérito perfeito ou o imperfeito do indicativo estar presente em todas as orações principais deste grupo, o que "transmite" ao evento expresso no imperfeito do subjuntivo o valor de passado, devido à Sequência de Tempo (SoT). De qualquer forma, a função primeira das factuais, no que concerne ao conteúdo temporal, é descrever eventos que aconteceram no passado, que são anteriores ao momento da fala e simultâneos ao momento da referência.

Segue o dado (03), representativo da estrutura temporal de maior ocorrência, a de passado simples E,R\_\_F:

(03) "Quando faltava apenas um ano para me formar, percebi que estava perdida e comecei a questionar se chegaria a algum lugar com um diploma de ecóloga embaixo do braço. Decidi que não tinha futuro, embora gostasse da área."<sup>7</sup>

Em (03), o PIS factual está inserido em uma narrativa, está concordando com eventos no passado, especificamente com o pretérito perfeito do indicativo, "decidi", cuja estrutura é E,R\_\_F. Desse modo, sob a perspectiva do "agora" enunciativo, as R e os E de "gostasse" e "decidi" estão reciprocamente ligados, ambos expressando situações factuais no passado.

Em síntese, o PIS com valor de factualidade existe na língua portuguesa e ocorre, conforme os dados, preferencialmente, com a estrutura de passado simples E,R\_\_F, ou seja, o pretérito imperfeito do subjuntivo factual tende a expressar, fundamentalmente, ideia de passado.

O PIS com valor de contrafactualidade foi encontrado em orações condicionais, em substantivas, em concessivas, em temporais e, sobretudo, em comparativas. Apesar de nos termos proposto a restringir o *corpus* somente aos três primeiros tipos de construção sintática, vimo-nos compelidos a, neste grupo, analisar também as orações comparativas, visto que constituem o contexto sintático majoritário no qual ocorreram os dados contrafactuais.

Dos 45 casos de imperfeito do subjuntivo contrafactual, 19 ocorreram em orações comparativas, 17 em condicionais, 07 em substantivas, 01 em concessiva e 01 em temporal (que não analisamos). A maioria (32) destes casos ocorreu com a estrutura temporal de passado posterior R\_\_F,E, em que o evento, embora visto de uma perspectiva do passado, é tomado como simultâneo ao momento da fala.

A comparação desse resultado com as previsões feitas anteriormente com base nos pressupostos de Givón (1993), de Neves & Souza (1999), de Neves (2000) e de Tapazdi & Salvi (1998) autoriza uma observação. Estes linguistas, como vimos, afirmam que a condição essencial da contrafactualidade é o traço [+ passado] ou [+

<sup>7</sup> Os dados desta seção são oriundos do *corpus* da dissertação.

passado, + perfectividade]. A estrutura R\_\_F,E é de passado, com efeito; mas, como na teoria reichenbachiana há cinco estruturas diferentes que descrevem o passado, temos instrumentos suficientes para reconhecer exatamente qual é o tipo predominante das contrafactuais. Verificar qual é o tipo predominante, mesmo sendo em um determinado *corpus*, significa reconhecer, de um lado, uma das maneiras nas quais o PIS vem sendo utilizado pelos falantes brasileiros, e, de outro, sugere que é preciso compreender melhor as suas relações temporais e modais.

O critério definidor do PIS contrafactual parece ser a estrutura de passado posterior R\_\_F,E, e não o traço [+ passado] ou [+ passado, + perfectividade], porque o grupo das contrafactuais fica caracterizado e, ao mesmo tempo, distinguido do grupo das factuais e das eventuais. Outro argumento que corrobora a contra-indicar a perfectividade como traço determinante é o fato de o mais-que-perfeito do subjuntivo, que apresenta perfectividade positiva, poder expressar tanto eventos *realis* quanto *irrealis*, como vimos anteriormente quando da sua análise. Portanto, nossos dados revelam e confirmam, nesse *corpus*, que o traço aspectual [+ perfectivo] não é critério definidor de contrafactualidade.

O exemplo abaixo representa a estrutura mais frequente nesse grupo, a de passado posterior R\_\_F,E:

(01) "Um torcedor gremista baleado depois do jogo ainda tentou colocar a culpa pela explosão da bomba na Brigada Militar, dizendo que 'os brigadianos são ignorantes'. Como se os policiais não pudessem abordar os vândalos para não correr o risco de detonar as bombas que carregam."

Em (01), "pudessem" tem sua R em um momento no passado, no momento do conflito, porém seu E está em associação à F porque o predicado de "poder algo" permanece estável ou passível de acontecer no "agora" enunciativo.

O imperfeito do subjuntivo com valor eventual foi encontrado em 51 dos 128 dados selecionados: 19 em orações condicionais, 14 em orações substantivas, 09 em adjetivas restritivas, 03 em concessivas e 15 em temporais e finais (que não serão analisadas neste trabalho). No total, analisamos 45 ocorrências de eventuais.

Em Prestes (2003), havia a previsão de que o pretérito imperfeito do subjuntivo eventual não teria restrições quanto às estruturas temporais reichenbachianas, tendo em vista a viabilidade de se fazer hipótese sobre eventos passados, presentes e futuros. Realmente, não encontramos uma estrutura predominante neste grupo; entretanto, podemos dizer que predominaram estruturas cujos eventos estão em relação de posterioridade à fala, i. e., predominaram eventos que indicam futuridadade. São elas as estruturas de futuro simples F\_\_R,E, que ocorreram em 19 casos, de futuro posterior, que ocorreram em 03 casos, e de passado posterior R\_\_F\_\_E, que ocorreram em 02 casos; juntos, estes somam 24 dos 45 dados analisados. Os outros 16 dados ocorreram com o evento antecedendo a fala, indicando passado, e 05, com o evento em associação à fala, indicando presente. Em outras palavras, nossos dados revelaram que a tendência principal do imperfeito do subjuntivo eventual é expressar eventos que acontecerão (ou não) no futuro.

Se compararmos estes resultados com os obtidos nas factuais e nas contrafactuais, podemos perceber que o PIS factual é fundamentalmente utilizado para expressar presente, o contrafactual, passado, e o eventual, futuro. Desse modo, sob

nosso ponto de vista, a relação aparentemente estável entre cada uma destas três modalidades e as estruturas temporais reichenbachianas parece ser relevante para a descrição do funcionamento do pretérito imperfeito do subjuntivo na língua portuguesa.

Passemos à análise de um dado representativo da estrutura de maior ocorrência do imperfeito do subjuntivo eventual, a de futuro simples F\_\_R,E:

(44) "Seria lindo se todos os candidatos a presidente da República assinassem uma declaração conjunta informando que não aceitariam um só ceitel da banca."

Na condicional acima, o autor levanta uma hipótese sobre uma possível atitude que os candidatos à presidência da República poderiam tomar, qual seja, a de não aceitar nenhuma quantia em dinheiro, por mais insignificante que fosse, proveniente dos banqueiros. Na linha do tempo, o evento "seria lindo" aconteceria depois do evento "assinassem", dado que aquele é consequência deste, que somente "seria lindo" depois que "assinassem", antes não. A R, que também está no futuro, é a assinatura da declaração, o que a faz contemporânea ao E de "assinar" e anterior ao E de "ser lindo".

Pontualmente, esta pesquisa nos permitiu chegar às seguintes conclusões:

a) considerando os achados de Givón e Neves, há ainda relações mais estritas entre o conteúdo temporal e o conteúdo modal do imperfeito do subjuntivo;

b) o PIS factual somente ocorreu em estruturas cujo E antecede a F, isto é, o PIS factual expressa fundamentalmente ideia de passado;

c) o PIS contrafactual ocorreu, em 32 dos 44 casos, com a estrutura de passado posterior R\_\_F,E, isto é, o imperfeito do subjuntivo contrafactual expressa fundamentalmente ideia de presente: o E é simultâneo à F;

d) o PIS eventual ocorreu, em 24 dos 45 casos, com estruturas cujo E é posterior à F, i.e., o PIS eventual tende a expressar ideia de futuro;

e) segundo os instrumentos reichenbachianos, a estrutura mínima do imperfeito do subjuntivo é ter a R associada ou anterior ao E (R,E ou R\_\_E).

## O DESDOBRAMENTO DA PESQUISA

Munidos dessa descrição sobre o PIS, e, sobretudo, objetivando sair do emaranhado das abordagens mais tradicionais, elaboramos algumas atividades e tarefas para serem trabalhadas em sala de aula.

Explicar a complexidade da estrutura reichenbachiana para os alunos, de forma alguma, consiste em nosso objetivo; porém, o professor, sim, poderia e deveria dominá-la a fim de não misturar todas as noções em uma mesma etapa do aprendizado. Pensando assim, aplicamos e testamos<sup>8</sup> o quadro explicativo a seguir a fim de sensibilizar o aluno para o caráter multifacetado da temporalidade do PIS.

Quadro 2 - A Temporalidade do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo pode se referir a eventos no passado, presente ou futuro.
--

<sup>8</sup> Nosso muito obrigado ao Programa de Português para Estrangeiros da UFRGS.

- ❑ Passado: "Embora eu fosse fluente em francês e não me sentisse intimidado, os melhores momentos de nosso convívio ocorriam nos bistrôs."
- ❑ Presente: "Se os ex-ministro José Serra estivesse bem nas pesquisas, o efeito Ricardo Sérgio seria menos danoso para sua candidatura."
- ❑ Futuro: "Talvez os índios achassem até graça se extraterrestres viesses à Terra como amigos, dessem-nos brinquedos de teletransporte (como demos espelhos) e acabassem nos tomando o poder e nos expulsando."

O valor temporal, do primeiro exemplo acima, é de passado, pois o contexto narrativo está no passado; o valor temporal, do segundo exemplo acima, é de presente porque o contexto enunciativo é uma crônica argumentativa do tempo, à época, presente; finalmente, do terceiro, o valor é de futuro porque dependente de uma projeção fictícia. Em outra atividade de reconhecimento do valor temporal do PIS, os alunos recebem dados de língua falada (HILGERT, 1997), como se pode verificar a seguir.

#### Quadro 3 – A temporalidade do PIS em exemplos

O tempo verbal sublinhado indica ideia de presente, passado ou futuro?

a) "A: Quanto às profissões, o senhor acha que no Brasil há um desequilíbrio numérico em relação a outras? B: Bem, eu não diria que possui... que fosse assim um desequilíbrio numérico... ah, eu pensaria o seguinte..."<sup>9</sup>

b) "...era uma coisa existencial que ele necessitava de trabalhar pra manter a sua existência, pra manter sua vida... não só sobreviver, vamos dizer assim, ah, no sentido de trabalho escravo, que se ele não trabalhasse, ele era morto."

c) "...em face, assim, da existência de uma hierarquia profissional, de uma subordinação, agora... eu não vejo nada desconsiderante. Normalmente, o pessoal tem essa mania de achar isto, que, por exemplo, ser servente ou ser faxineiro ou ser, ah, varredor de rua seja... não... eu acho que ele é a peça fundamental, inclusive, porque se não tivesse o servente que varresse a rua, não tivesse o servente que varresse a repartição, quem é que iria varrer a repartição? Seria o chefe da seção?"

d) "A: Se você tivesse de fazer uma operação plástica, que tipo de nariz preferiria? B: Se eu tivesse de fazer uma operação plástica? ...éh, não sei responder isso... é que eu nunca pensei nisso..."

e) A: E a senhora nada? B: Nado. Eu também aprendi, mas no Barroso, ainda no tempo que tinha uns trapiches ali. Há muitos anos, era guria e era no fundão mesmo. Até o professor queria que eu competisse porque eu era, pela idade, eu era pequena, mas, quer dizer, que eu era muito desenvolvida... então, ele queria que eu competisse porque tinha um braço, assim, comprido..."

f) A: Seria importante que tu descrevesses para nós uma noite de teatro... uma noite no Teatro São Pedro, uma noite de concerto... B: Bom, então tem que ser das noites de concerto do tempo antigo porque agora não tem a mesma graça que antes."

<sup>9</sup> Os trechos desse exercício são extraídos de HILGERT (1997, p.49, 59, 60, 80, 105 e 111).

(HILGERT, 1999, p. 49, )

As respostas esperadas são a) presente, pois a proposição alcança o sentido “não me parece um desequilíbrio numérico”; b) passado, pois a condicional é uma hipótese sobre um evento já passado; c) presente, pois a proposição refere-se à (não) existência do servente no aqui e agora do enunciado; d) futuro, pois a condicional indica algo que pode vir a acontecer, surpreendendo o entrevistado, que estrategicamente repete a pergunta; e) futuro, pois, embora a falante esteja narrando um episódio passado, os PIS destacados expressam a expectativa do professor, naquele momento, em relação a uma atividade que sua aluna faria ou não; f) futuro, pois, apesar de se tratar de um futuro imediato, cuja Referência é concomitante à Fala, o Evento está marcado no futuro, algo como, “logo após minha pergunta, você poderia responder...”.

Em outra oportunidade do processo, podem ser apresentadas as noções modais do PIS. Cabe frisar que não estamos expondo a elaboração de um material didático aula a aula, apenas estamos sinalizando sobre como nossa pesquisa poderia chegar aos bancos escolares.

#### Quadro 4 – A Modalidade do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

O Pretérito Imperfeito do Subjuntivo pode ser do tipo:

- ❑ Eventual: quando marca um evento hipotético, que pode ou não acontecer. Ex.: a) "Seria lindo se todos os candidatos a presidente da República assinassem uma declaração conjunta informando que não aceitariam um só centavo da banca."; b) "Eles combinaram um código: quando o diretor da prova lhe desse um tapinha nas costas, Pelé agitaria a bandeira."
- ❑ Contrafactual: quando marca um evento que é a negação de uma afirmação. Ex.: c) "Nos sabores laranja e framboesa, a embalagem do iogurte traz a imagem de uma modelo alisando o rosto, como se estivesse defronte de um espelho." (a modelo não está defronte de um espelho); d) "A pressa, decididamente, é uma heresia por essas bandas. Se você exigi-la de alguém ocupado, a pessoa vai levantar o dedo indicador na frente do rosto, como se dissesse: 'Just a moment, please'. Não se irrite. Relaxe, olhe para o lado..." (a pessoa não disse 'Just a moment, please')
- ❑ Factual: quando marca um evento que, de fato, aconteceu. Ex.: e) "Embora, na época, tivesse apenas 13 anos, trabalhava como babá."; f) "Quando faltava apenas um ano para me formar, percebi que estava perdida e comecei a questionar se chegaria a algum lugar com um diploma de ecóloga embaixo do braço. Decidi que não tinha futuro, embora gostasse da área."

Após a exposição de tarefas que exploram, separadamente, as noções modais do PIS, o que pode ocorrer durante semanas, o aluno é convidado a tomar ciência sobre as noções eventual, contrafactual e factual. O exemplo (a) acima indica uma hipótese sobre um evento projetado no futuro em relação ao aqui e agora do enunciado. O exemplo (b) também indica uma eventualidade, algo que poderia acontecer. O exemplo (c) e (d) apresentam, cada qual, uma negação na pressuposição: “a modelo não está defronte de

um espelho” e “a pessoa não disse ‘Just a moment, please’”. Os exemplos (e) e (f) expressam um evento “real”, respectivamente: “tinha 13 anos” e “não gostava da área”.

As noções modais do PIS podem ser discutidas explicitamente em sala de aula, como mostra o Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – A modalidade do PIS em exemplos

- |  |
|--|
| <p>a) “E como havia até quem <u>fizesse</u> reserva para garantir um quarto, as pessoas que passavam em frente à residência pensavam que era um hotel.”</p> <p>b) “Embora <u>estivesse</u> interessado em averiguar as margens de aplicação de seus achados e ‘insights’ teóricos, curti a erudição que percebia embutida num projeto ou texto.”</p> <p>c) “Ciro Gomes pediu a seu guru intelectual, Roberto Mangabeira Unger, que não <u>rebatesse</u> as críticas do presidente do PPS.”</p> <p>d) “Nesse período, os pesquisadores estavam envolvidos em diversas frentes de investigação sobre o sistema educacional francês, embora alguns dos assistentes <u>estivessem</u> ousando pôr as mangas de fora.”</p> <p>e) “Eles não interagem na narrativa em momento nenhum. É como se <u>fosse</u> um coro grego de teatro.”</p> <p>f) “O curso de técnico químico permitiu que eu <u>desse</u> continuidade à minha escalada na empresa.”</p> <p>g) “Me prometeram roupa, casa e emprego para dizer que falei com o cara e até hoje não me deram nada. É fácil colocar palavras na boca de uma criança de 12 anos. Se eu <u>pudesse</u> voltar atrás... Isso só atrasou a minha vida.”</p> <p>h) “Integrantes de governos anteriores ouvidos por Época dizem que, se a prefeitura realmente <u>quisesse</u> acabar com o programa, teria outros meios.”</p> <p>i) “Fã do formato acústico, ela insistia para que Roberto Carlos <u>experimentasse</u> os arranjos despojados que ela admirava.”</p> <p>j) “Como se não <u>bastasse</u>, no dia em que estava marcada a minha volta, um representante da Correta Turismo veio me pedir para adiar o embarque para o dia seguinte.”</p> <p>k) “Gostaria que <u>fosse</u> abordado o investimento necessário para gerar um emprego.”</p> |
|--|

As respostas esperadas são as que seguem. No exemplo (a), a proposição é factual, pois, apesar de marcar o desconhecimento sobre quem seriam as pessoas, é fato que elas existiam e “faziam as reservas”. O exemplo (b), bem marcado pela conjunção “embora”, é factual, pois a pessoa “estava interessada em”. O exemplo (c) é eventual, pois se trata de um pedido cujo atendimento não está confirmado, é uma hipótese sobre algo que pode vir a acontecer, considerando o aqui e agora do enunciado. O exemplo (d) é factual, “alguns dos assistentes estavam ousando”, também uma exigência da conjunção “embora”. O exemplo (e) é contrafactual, pois, apesar de serem comparados a ele, os atores, de fato, não constituíam um coro grego. São também contrafactuais os exemplos (g), “ele não pode voltar atrás”, (h), “a prefeitura não quer” e (j),

“bastava”, “era suficiente”. O exemplo (f), com PIS regido por verbo de manipulação (“permitiu”) e conjunção “que”, é factual, “ele deu continuidade a”, sendo recorrente nos dados da dissertação, como mencionado anteriormente. Finalmente, são eventuais os exemplos (i), “terá experimentado ou não?” e (k), “será abordado ou não?”.

Em síntese, assumimos que o PIS pode ser compreendido pelas relações entre seu conteúdo modal (factual, contrafactual ou eventual) e temporal (presente, passado ou futuro).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, representativo de uma pesquisa inicial sobre os conteúdos temporal e modal do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, permitiu-nos reconhecer e compreender sua complexidade, bem como acenar para sua possível aplicação em sala de aula.

Acreditamos que uma etapa da pesquisa foi concluída, mas não encerrada. No momento, em nível de doutoramento, estamos concentrando nossos esforços no aprofundamento das noções modais do PIS.

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- CASTRO, F. *Uso de la gramática española: intermedio*. Madrid: Edelsa, 1998.
- CEGALA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48a.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COÂN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. 1997. Dissertação. Faculdade de Letras, UFSC, Florianópolis.
- CORÔA, M.L.M.S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. 1983. 131f. Dissertação - Departamento de Lingüística do Instituto de Expressão e Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília.
- \_\_\_\_\_. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CORRAL, J.A.M. Valor modal del llamado "subjuntivo concesivo polémico". *Lingüística Española Actual*, Madrid, vol.2, p. 161-174, 1996.
- COSTA, S.B.B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- CUNHA, C. CINTRA, L. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- DECLERCK, R. From Reichenbach (1947) to Comrie (1985) and beyond. *Lingua*, vol. 70, n. 4, 1986.
- GARCÍA-FERNANDEZ, L. Sobre la naturaleza de la oposición entre pretérito imperfecto y pretérito perfecto simple. *Lingüística Española Actual*, vol. XXI, n. 2, p. 169-188, 1999.
- GIVÓN, T. *English grammar: a function-based introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1993. vol. II.
- GONZÁLEZ, J.M.C. *Manual de iniciación a la lengua portuguesa*. Barcelona: Ariel, 1994.

HORNSTIEN, N. Towards a theory of tense. *Linguistic Inquiry*, vol. 8, n. 3, p.521-557, 1977.

\_\_\_\_\_. The study of meaning in natural language: three approaches to tense. In: HORNSTEIN & LIGHTFOOT. *Explanation in linguistics*. London & New York: Longman, 1981, cap. 4, p. 116-151.

\_\_\_\_\_. *As time goes by: tense and universal grammar*. MIT Press, 1993.

ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 1997.

MEYER, R.M.deB. & MEDEIROS, V.G. de. Português para estrangeiros: questões semântico-discursivas e sintáticas no ensino do subjuntivo. In: *Anais do IX Encontro da ANPOLL*. João Pessoa, vol.2, tomo I, p.743-752, 1995.

NEVES, M<sup>a</sup>.H. de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M<sup>a</sup>.H.de. & SOUZA, E.M<sup>a</sup>.de. As construções condicionais. In: NEVES, M<sup>a</sup>.H.de (org.) *Gramática do português falado: vol. III*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PRESTES, G. J. Conteúdo temporal do imperfeito do subjuntivo. *Polígrafo – Revista do Curso de Letras da Faculdade Cenecista de Osório*, v.1, n.3, p. 40-57, 2007.

\_\_\_\_\_. *Conteúdo temporal do imperfeito do subjuntivo em português*. 2003. Dissertação. Faculdade de Letras, PUC/RS, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. Aquisição do imperfeito do subjuntivo por falantes nativos de espanhol. In: HAMMES, W. & VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: EDUCAT, 2001, p. 167-181.

RAMALHETE, R. Uma classificação comunicativa do subjuntivo e sua implicação para o ensino de português para estrangeiros. In: ALMEIDA F<sup>o</sup>, J.C. & LOMBELLO, L. *O ensino de português para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1989, p. 135-139.

\_\_\_\_\_. A hipótese em português. In: ALMEIDA F<sup>o</sup>, J.C. (org.) *Identidade e caminhos no português para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1992, p. 99-104.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillan, 1947.

SILVA, A. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

TAPAZDI, J. & SALVI, G. A oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil. *D.E.L.T.A.*, vol.14, n. especial, p.255-267, 1998.

TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: Gráfica da Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

WHERRITT, I. Patterns of subjunctive in Brazilian Portuguese. *Revista Brasileira de Lingüística*. Vol. 5, n. 2, p. 39-61, 1978.

ZILLES, A.M.S. & PEREIRA, S.P.K. O desenvolvimento do background em narrativas de crianças de 4 a 9 anos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 33, n. 2, p.203-211, jun. 1998.